

## Percepções de crianças e jovens da Floresta Nacional do Tapajós sobre os extremos climáticos na Amazônia\*

ROSA, Marlise<sup>1</sup>; REIS, João dos<sup>2</sup>; SOUZA, Guilherme Jardel de<sup>3</sup>; ANDERSON, Liana Oighenstein<sup>4</sup>.

<sup>1</sup>Centro Nacional de Monitoramento e Alertas de Desastres Naturais (Cemaden), [marlise.mrosa@gmail.com](mailto:marlise.mrosa@gmail.com); <sup>2</sup>Cemaden, [joaodosreis89@gmail.com](mailto:joaodosreis89@gmail.com); <sup>3</sup>Universidade Federal do Oeste do Pará (Ufopa)/Cemaden, [guilherme.bio94@gmail.com](mailto:guilherme.bio94@gmail.com);

<sup>4</sup>Cemaden, [liana.anderson@gmail.com](mailto:liana.anderson@gmail.com).

### Área temática: Clima, Recursos Naturais e Biodiversidade

Categoria: Relato de experiência técnica

### Resumo

Este relato de experiência técnica diz respeito ao conjunto de atividades realizadas pelo projeto “Vozes em Recuperação”, com crianças e jovens de 4 a 15 anos, em três escolas-polo da Floresta Nacional (Flona) do Tapajós. Por meio da contação de história, realização de desenhos, caminhadas guiadas pela praia, representação gráfica, criação de história e elaboração de histórias em quadrinhos procuramos compreender e capturar as percepções de crianças e jovens sobre os extremos climáticos na Amazônia, sobretudo a seca severa e as temperaturas elevadas associadas ao *El Niño* 2023/24, que aumentaram a inflamabilidade da região, provocando queimadas e incêndios florestais. Esse conjunto de atividades, por um lado, contribui para uma maior visibilidade dos efeitos dos extremos climáticos sobre os povos indígenas e comunidades tradicionais que vivem no interior da unidade de conservação e, por outro, busca ouvir e incluir vozes não tão convencionais nas pesquisas acadêmicas: as de crianças e jovens que vivem nesses locais.

**Palavras-chave:** extremos climáticos na Amazônia; crianças e jovens; povos indígenas e comunidades tradicionais; seca; incêndios florestais.

### Contexto

Apresentamos, neste relato, as percepções de crianças e jovens da Floresta Nacional (Flona) do Tapajós sobre os extremos climáticos na Amazônia, sobretudo a seca severa e as temperaturas elevadas associadas ao *El Niño* 2023/24, que aumentaram a inflamabilidade da região, provocando queimadas e incêndios florestais.

\*Este estudo é parte do projeto 'Voices of Recovery', uma parceria internacional entre: Pontificia Universidad Católica del Perú (Lima, Peru); Universidad de Caldas, Colômbia; Centro Nacional de Monitoramento e Alertas de Desastres Naturais, Brasil; e a University of East Anglia, Reino Unido. O projeto é apoiado no âmbito da Plataforma Transatlântica [<http://www.transatlanticplatform.com>] pelas seguintes organizações de financiamento: Centro Internacional de Pesquisa para o Desenvolvimento (IDRC), subsídios números 109835-003 e 109835-002; Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovação (Minciencias) e Fundo Francisco José de Caldas, subsídio número 80740-094-2022; Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP), subsídio número 2021/07660-2; e Conselho de Pesquisa em Artes e Humanidades (AHRC), subsídio número AH/X001733/1. As opiniões expressas neste trabalho não representam necessariamente as das agências de fomento aqui listadas.



A partir de uma abordagem da antropologia da criança, entendendo-as como atores sociais que possuem papéis ativos na construção das relações sociais em que se engajam, realizamos um conjunto de atividades com crianças de 4 a 8 anos na Escola Nossa Senhora do Perpétuo Socorro (Polo Maguari). Conforme Cohn (2005), as crianças não sabem menos que os adultos; elas sabem coisas diferentes. Logo, em lugar de resultado da cultura, as crianças também produzem cultura.

Na escola-polo Maguari, assim como na Escola Santa Terezinha (Polo Piquiatuba) e na Escola Santa Filomena (Polo Prainha), realizamos também a atividade de elaboração da história em quadrinhos “Amazônia: presente, passado e futuro” com jovens de 11 a 15 anos. Adotamos o conceito de jovem, em vez de adolescente, por entendermos que, com base na Instrução Normativa (IN) nº 1/2016, da Fundação Nacional dos Povos Indígenas (Funai)<sup>1</sup>, a noção de adolescência não satisfaz a pluralidade de arranjos socioculturais existentes entre os diferentes povos indígenas. Aqui, estendemos essa interpretação também às comunidades tradicionais, uma vez que, a acepção universal baseada em critérios etários não contempla outras experiências, valores e modos de socialização, sobretudo aqueles vigentes entre populações que vivem em situações socioeconômicas e culturais distintas e pertencem a grupos etnicamente diferenciados.

As atividades foram desenvolvidas com anuência da Secretaria Municipal de Educação, Cultura e Desporto (Semed) de Belterra (Pará), e fizeram parte das ações do projeto “Vozes em Recuperação” (autorização SISBIO: 87052) durante a missão de campo na Flona do Tapajós entre os dias 5 e 7 de dezembro de 2023.

O “Vozes em Recuperação” é um projeto interdisciplinar e multinacional que focaliza comunidades historicamente vulnerabilizadas, situadas na Amazônia brasileira, colombiana e peruana. Tais comunidades tiveram seus desafios cotidianos agravados pela pandemia de COVID-19, não apenas por causa dos impactos da doença, mas porque suas implicações sociais mais amplas se sobrepuseram aos inúmeros e contínuos riscos associados à discriminação étnico-racial, aos conflitos, à pobreza, aos deslocamentos forçados, à degradação ambiental e às ameaças de extremos climáticos. A ênfase da pesquisa recai sobre as narrativas de recuperação e resistências criadas por e para essas comunidades.

Por meio da contação de história, realização de desenhos, caminhadas guiadas pela praia, representação gráfica, criação de história e elaboração de histórias em quadrinhos, conseguimos reunir percepções e vivências sobre os impactos da seca e dos incêndios florestais a partir do olhar de crianças e jovens. Esse conjunto de atividades, por um lado, contribui para uma maior visibilidade dos efeitos dos extremos climáticos sobre os povos indígenas e comunidades tradicionais que vivem no interior da unidade de conservação e, por outro, busca ouvir e incluir vozes não tão convencionais nas pesquisas acadêmicas: as de crianças e jovens que vivem nesses locais.

## Descrição da experiência

Na escola-polo Maguari, realizamos a atividade de contação de história e elaboração de desenhos com as crianças da educação infantil. Com os estudantes do 1º e 2º ano do ensino fundamental I, fizemos uma caminhada guiada pela praia, seguida pela representação gráfica e elaboração de uma história. Com os jovens do 8º e 9º ano dessa

<sup>1</sup> À época, o órgão indigenista ainda era denominado Fundação Nacional do Índio. A nova denominação ocorreu em 2023, por meio da Medida Provisória nº 1.152, de 1º de janeiro de 2023, convertida na Lei nº 14.600, de 19 de junho de 2023.



escola e do 6º ao 9º ano das escolas-polo Piquiatuba e Prainha, face à ocorrência de degradação ambiental e queimadas devido ao contexto recente de incêndios na região e no interior da Flona Tapajós, realizamos a atividade de elaboração da história em quadrinhos.

A seguir, falaremos detalhadamente de cada atividade.

### Contação de história e elaboração de desenhos

Para essa atividade, utilizamos o livro “Estranhas Criaturas”, de Cristóbal León e Cristina Sitja Rubio (2019), cuja história é narrada por animais que vivem na floresta e tiveram suas casas, as árvores, roubadas por estranhas criaturas, os humanos. Por meio da contação de história como estímulo à criatividade e à imaginação, conduzimos a conversa sobre os riscos socioambientais, sobretudo, a seca e o fogo, que acometem suas comunidades e a área protegida em que vivem. Embora o livro não contemple elementos da fauna e da flora amazônica, o colorido das ilustrações e a trama da história, envolvendo o roubo de casas e a destruição da floresta, despertou o interesse das crianças, prendendo sua atenção.

Na mediação, enfatizamos a realidade local de suas comunidades, o rio, as árvores, os animais etc., instigando-as a imaginarem como seria se a floresta que elas conhecem e vivem fosse destruída. Assim, demos início ao processo de escuta de suas percepções, somada à elaboração dos desenhos, por meio dos quais, as crianças, com idades entre 4 e 6 anos, retrataram o seu entendimento sobre as questões ambientais e a paisagem local, conforme o mundo que conhecem.

No decorrer da atividade, elas teciam comentários que sinalizavam tanto a sua percepção sobre os extremos climáticos, quanto o impacto deles sobre a vida de suas famílias. Uma menina de 5 anos, observou que “quando a floresta pega fogo, os animais morrem. Quando o rio seca, os peixes morrem”. Outra, da mesma idade, comentou: “a bajara [canoa] do meu pai está atolada”, chamando a atenção para a impossibilidade de pesca diante da seca severa, que, por sua vez, gera instabilidade econômica e insegurança alimentar. Um menino de 6 anos, em seu desenho, indicou a importância do turismo de base comunitária para a região, retratando as praias, trilhas na floresta e a presença dos “gringos” [turistas]. Gringo é a categoria de alteridade que estabelece a distinção entre quem é “de dentro” e quem é “de fora” da unidade de conservação. Tanto nas falas quanto nos desenhos, a importância simbólica da “vovózona”, uma samaúma (*Ceiba pentandra* (L.) Gaertn.) milenar que leva muitos turistas à Flona, mostrou-se evidente.

### Caminhada guiada

A atividade, com crianças de 7 e 8 anos de idade, consistiu em andar pela praia em direção a um igarapé no sentido Maguari-São Domingos. Elas nos conduziram durante a caminhada, explicando aspectos relacionados à vegetação e à dinâmica das águas. Entre uma árvore e outra, mostravam as marcas das cheias sazonais do rio Tapajós. Também comentavam sobre as mudanças na paisagem decorrentes da severa seca vivida na região e apontavam para as canoas atoladas, refletindo sobre a impossibilidade de pesca e de banho.

Durante o percurso, elas nos advertiram sobre a necessidade de cuidado com o cauxi, esponjas de água doce comuns durante os períodos de vazante e estiagem que, em contato com a pele, provocam coceira e irritação. Protestaram diante do lixo encontrado na praia, e nos levaram até um igarapé completamente seco. Ali, algumas crianças



rememoram vivências em tempos de cheia, com banhos e pesca. Também recolheram diferentes tipos de sementes e folhas, explicando-nos sobre seus usos na confecção de artesanato.

### Representação gráfica e elaboração de história

No dia seguinte à caminhada guiada, realizamos a representação gráfica da experiência a partir da construção de uma história. Fizemos uma adaptação do “Método das Três Folhas”, criado pela Estante Mágica, empresa de impacto social que desenvolve projetos de escrita de livros e elaboração de *games* de autoria de crianças. O “Método das Três Folhas”<sup>2</sup> consiste em um passo a passo para o desenvolvimento da história.

Devido ao tempo limitado e ao fato de que parte das crianças ainda não foi alfabetizada, adaptamos o método, reduzindo-a a apenas 3 perguntas, que deveriam ser representadas por meio de desenhos: 1) Defina um personagem para a sua história; 2) Quais desafios ele enfrenta? 3) Qual é o final da história?

As crianças foram orientadas a construir suas histórias com base em elementos da Amazônia. Mais uma vez, muitos desenhos e narrativas contemplaram a “vovózona”. Os desafios enfrentados pelos personagens diziam respeito aos riscos socioambientais presentes na região. O final da história poderia ser esperançoso ou catastrófico, a depender do olhar de cada autor.

Ao finalizarem os desenhos, as crianças fizeram a apresentação oral de suas histórias, compartilhando com os demais colegas o enredo vivido por seus personagens. As histórias contemplaram situações envolvendo a mortalidade de peixes provocada pela seca, a dificuldade de pesca, os incêndios florestais, os efeitos da fumaça, além de, em alguns casos, incluírem elementos do folclóricos, como a Cobra Grande e o Saci Pererê.

### História em quadrinhos “Amazônia: presente, passado e futuro”

Os quadrinhos “Amazônia: presente, passado e futuro” foram ilustrados pelo geógrafo e cartunista, Evandro Alves, no âmbito do projeto “MAP-Fire”<sup>3</sup>. Trata-se de um conjunto de 14 ilustrações com elementos e características do bioma Amazônia. As seis primeiras, com prevalência das cores verde e azul, representam a floresta e sua sociobiodiversidade, as demais, em tons de vermelho e com imagens de animais atônitos e em fuga, indicam a ocorrência de incêndios e seus impactos.

Os jovens, com idades de 11 a 15 anos, elaboraram o diálogo entre os personagens, reproduzindo-o conforme a sequência das ilustrações. Para isso, foram convidados a serem os autores da história, construindo-a com base em seu entendimento, suas visões sobre o problema e sua criatividade. Eles podiam brincar com o tempo, pensando em cenários do presente, do passado ou do futuro, ou então explorar de outra forma a sequência apresentada.

Nosso objetivo era levá-los a refletir sobre as múltiplas ameaças socioambientais do fogo e da seca na Amazônia (como a que estavam vivenciando durante os últimos meses), mas, de uma maneira lúdica, pautada na expressividade artística e em suas

<sup>2</sup> Ver mais em Planejamento de aplicação. Disponível em: <https://estantemagica.com.br/como-aplicar>

<sup>3</sup> “MAP-Fire” (no original, em inglês, *Multi-Actor Adaptation Plan to cope with Forests under Increasing Risk of Extensive fires*), foi um projeto que envolveu a região transfronteiriça MAP, composta pelos estados/departamentos amazônicos de Madre de Dios (Peru), Acre (Brasil) e Pando (Bolívia), e contou com financiamento do *Inter-American Institute for Global Change Research* (IAI).



experiências de vida. Em diversas histórias, nas três escolas-polo, as ilustrações que representam a presença de pesquisadores em campo receberam diálogos em que eles ora foram retratados com desconfiança sobre suas atividades, ora como pessoas que vieram ajudar, ora identificados como servidores do Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade (ICMBio). Em uma das ilustrações, na interpretação de muitos jovens há a identificação de roçado com coivaras [aceiros], demonstrando o entendimento de sua importância para evitar incêndios. Esses são alguns exemplos das visões e entendimentos locais sobre a problemática do fogo que integra não só os incêndios, mas também as secas e temperaturas elevadas, as perdas econômicas e de biodiversidade, entre outros impactos.

### Considerações finais

Essa experiência com crianças demonstra que, apesar da pouca idade, elas dominam saberes específicos e fundamentais para a região, circulando de maneira autônoma por toda a área. Sabem que não podem encostar no cauxi, tampouco descuidar das arraias que se escondem sob o lodo do rio. Sabem ainda que o rio seco afeta a pesca e que o fogo destrói a floresta e provoca a morte dos animais. Elas também têm noção da importância dos recursos naturais e vegetais, seja para a alimentação ou para a geração de renda. Isso mostra, portanto, que a infância enquanto um modo particular de pensar a criança, é socialmente, culturalmente e historicamente situado.

O pertencimento étnico-racial e de classe conforma tipos distintos de infância, tratos diferenciados com crianças que, conseqüentemente, produzem crianças diferentes. Ou seja, a noção de infância, a despeito de sua pretensa universalidade, comporta sujeitos muito distintos, especialmente em países com índices de desigualdade social tão expressivos como o Brasil. A realidade de crianças racializadas pertencentes a comunidades tradicionais na Amazônia é diametralmente oposta daquela vivenciada por crianças brancas das classes média e alta, que, por sua vez, é infinitamente distinta da vida de crianças negras e pobres, que habitam as periferias das cidades brasileiras.

O reconhecimento da especificidade dos saberes das crianças que nascem e crescem no interior da Flona Tapajós só reforça a importância de que elas também sejam compreendidas como interlocutoras em potencial por aqueles que lá realizam seus estudos. Na linha do que foi posto por Cohn (2005), assim como crianças não sabem menos que adultos, crianças da Amazônia não sabem menos que crianças do Sul ou do Sudeste, mas sabem coisas diferentes.

Na experiência com jovens, do mesmo modo, a interação entre o lúdico e o técnico, mostra-se como uma outra forma de comunicar ciência, tornando-a atrativa e acessível a um público diverso em termos etários, escolares e socioculturais. Além disso, foi uma maneira de viabilizar a sua atuação pró-ativa enquanto autores, não apenas como interlocutores ou informantes dos pesquisadores, o que, por sua vez, tende a ser pouco comum devido ao entendimento de que diante da pouca idade, eles não saberiam coisas relevantes para as pesquisas. Com isso, pretendemos, ainda que simbolicamente, diminuir as assimetrias que atravessam a relação entre pesquisador e os sujeitos e grupos pesquisados.

### Referências bibliográficas

COHN, Clarice. *Antropologia da criança*. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

